

## “Estudos sobre a Linguagem”, volume 5 da “Lauandiana”

### *Collectaneae* 5: Editora Cemoroc

(o artigo recolhe parte da apresentação desse livro da série *Collectaneae*.  
A obra se encontra em <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page5.html>)

Sylvio R. G. Horta  
Vice-Coord. área de Chinês (Dlo-Fflchusp)  
Editor de Internet do Cemoroc

Em artigo anterior, <http://www.hottopos.com/isle47/Sylvio.pdf>, nesta mesma revista, fizemos a apresentação de *Collectaneae*, a nova coleção de livros das Edições Cemoroc, e de seus primeiros volumes, de autoria do Professor Jean Lauand. Neste artigo, recolho a Apresentação do novo volume dessa coleção, do mesmo autor.



### **Apresentação de *Collectaneae* - 5: Estudos sobre a Linguagem**

O volume recolhe 57 artigos selecionados de Jean Lauand, 33 dos quais originalmente publicados na revista “Língua Portuguesa”, na qual Jean Lauand manteve a coluna “Filosofia e Linguagem” de 2005 (desde o No. 1) até 2015, quando da desativação da publicação.

Especialmente nas matérias da “Língua Portuguesa”, o leitor deve estar atento à datação, pois podem trazer comentários sobre fatos episódicos, próprios do jornalismo de uma revista mensal. Para além do efêmero, porém, sempre há nesses artigos tiradas profundas e atemporais. Precisamente por essa profundidade – e originalidade – que Paulo Ferreira da Cunha (juiz da Suprema Corte de Portugal), ao prefaciar os “Dicionários de expressões brasileiras” de JL, escreveu:

Jean Lauand é um intelectual do nosso tempo, *gigante* aos ombros de gigantes (glosando Bernardo de Chartres), que ao mesmo tempo domina o clássico e está a par do mais atual, do mais abstrato como do mais concreto, que tanto cita, com rigor e em Latim, São Tomás de Aquino e tantos outros, medievais, gregos e romanos, como um samba, uma novela, ou um *gibi* de hoje. Que domina na perfeição as subtilezas do futebol (desporto brasileiro por excelência) e o seu léxico mais técnico como as densas equações matemáticas e o *ballet* estratégico do jogo de xadrez. E que em tudo coloca a máxima inteligência que é o ludismo, a graça e até o humor (que assinala até como existente na Divindade), de forma amigável, afável, sã e elevada.

Para dar uma ideia geral da obra, parece-me oportuno recolher seu **Sumário**, para em seguida tecer breves comentários a alguns dos artigos:

Apresentação – Sylvio R. G. Horta	07
“Bater Papo” – origem e evolução de significado da expressão	15
Antropologia e formas quotidianas – a filosofia de Tomás de Aquino e nossa linguagem do dia-a-dia	21
Educação e hábitos de linguagem: usos e abusos do “neutro”	37
Voz média – Paulinho, Martinho e Pagodinho: sambas dialogam com a filosofia e teologia clássicas	65
A “filosofia” tupi na língua e cultura brasileiras	75
Cultura e língua brasileiras: algumas influências africanas	93
Espanha e Brasil: “ <i>las vigencias</i> ”	125

O sistema língua/pensamento árabe	139
<i>Al-Insan</i> : o homem, um ser que esquece	161
Olé! – O Belo e Deus	167
O “estilo Vaticano” – dois casos	173
A afirmação de realidade do inglês	187
Transformações da linguagem: a gíria “curtir” e as conjunções adversativas – dois estudos	199
Santo Expedito: análise de uma devoção	217
Escrever um artigo científico – ideias para iniciantes (ou não)	231
Jabuticália: singularidades do Brasil	247
<i>Al-qalb</i> – o coração que dá voltas	263
Educar para a metáfora e a transparência da linguagem	273
Tolos e Tolices na Análise de Tomás de Aquino	291
Algumas Etimologias de Isidoro de Sevilha	309
“ <i>Vigencia</i> ” e Educação – a ditadura da extroversão	327
Método e Linguagem no Pensamento de Josef Pieper	359
Cem provérbios da tradição árabe	397
<b>Artigos na revista “Língua Portuguesa”</b>	415
O marketing da rejeição	417
Palavras Maiores	423
As “boas” maneiras de ofender	431
Você está servido?	441
A linguagem do agir	447
A lição do Lepo-lepo	455
A fé ganha a boca do povo	459
Ditos seculares	469
Camadas geológicas na linguagem	479
Mostrar escondendo	483
A arqueologia é dona da bola	491
“Excelenciou” na grande área	503
Sujeito indeterminado	509
É grande pra caramba	515
No princípio era a Bíblia	521

As dobras da língua	529
A danada da partícula “de”	531
Pontes de sentido	535
A lacuna de nossos insultos	537
Os caminhos que levam às ideias	547
A língua na sala de estar (em coautoria)	553
Ô, meu! Minha Nossa Senhora	557
A metafísica da “liquidação”	561
O português no inglês	569
O laboratório de cada povo	573
A linguagem mística do cotidiano	583
A vida como jogo	595
O que é que realmente eu tenho?	601
O pecado do agito vazio	609
Nonsense universal	615
Pegadinhas no Evangelho	633
Jeito, jeitinho e Cia.	657
O laboratório de tio Patinhas - as mudanças da linguagem em cada geração	661
<b>Apêndice</b>	
Nota sobre Tomás de Aquino e a saudade	671

O livro começa com a análise da evolução da expressão “Bater Papo”, amostra da “outra metade” dos estudos de JL sobre a linguagem: os referidos Dicionários sobre as expressões brasileiras, que foram incluídos pelo Instituto Houaiss nas “Fontes de Datação e Etimologias” do “Grande Dicionário Houaiss”, e que valeram a JL o reconhecimento como Colaborador desse Dicionário.

Segue-se um clássico lauandiano – “Antropologia e formas quotidianas – a filosofia de Tomás de Aquino e nossa linguagem do dia-a-dia” –, de 1998, no qual se relacionam fórmulas de convivência em diversas línguas – agradecimento, felicitações, escusas etc. – com a filosofia do Aquinate. Como se sabe, sua análise de nosso “obrigado” (e os correspondentes de gratidão em outras línguas) tem sido, nestes últimos anos, plagiada (sem a menor cerimônia) por celebrados acadêmicos e palestrantes, de Portugal e do Brasil (que, provavelmente, nunca leram Tomás de Aquino...).

Destaco também cinco artigos que se seguem nesta coletânea, nos quais Lauand confronta a língua portuguesa com o grego e o latim, o tupi, as línguas africanas e o árabe.

Essa série começa por nos apresentar duas graves ausências no português: o neutro e a voz média. Esses recursos “gramaticais”, presentes por exemplo no grego e no latim são, na verdade, poderosas ferramentas de acesso à realidade, que diferenciam as línguas que os possuem, permitindo-lhes insuspeitadas incursões filosóficas e teológicas... Com agudo senso de humor, Lauand mostra que o neutro, mesmo ausente de nossa gramática, domina nossa linguagem por meio de improvisados substitutivos tupiniquins. O mesmo se dá com a “voz média”, clássica voz do verbo que não é ativa nem passiva, mas “média”. Neste caso, o autor mostra sua “presença” em canções tão nossas, de Paulinho da Viola, Zeca Pagodinho e Martinho da Vila.

Dois diferenciais do “brasileiro” em relação ao português europeu são contemplados junto com as influências indígenas e africanas que recebemos. Que, por exemplo, com o sufixo *-uera* (Ibirapuera, Anhanguera etc.) podemos pensar o passado se projetando no presente. E como o quimbundo, o brasileiro usa, muitas vezes, o diminutivo como aumentativo!

Já com a língua árabe, o confronto se dá muito profundamente: no próprio sistema língua/pensamento.

Uma das características de Lauand é sua delicada clareza (não por acaso esses capítulos referidos são conferências para colegiais de escolas públicas e privadas). Sempre prevalece em JL o delicioso senso do concreto (para ele, ensinar é *enseñar*: mostrar!), repleto de tiradas surpreendentes (dessas que o leitor fica se perguntando “Como eu não tinha reparado nisso antes?”), piadas, canções, personagens conhecidos, a notícia do dia... o caso concreto! E sempre com bom humor e divertidamente.

Os dois artigos seguintes são também finas revelações sobre a língua árabe: que o ser humano é designado pela palavra *Al-Insan*, “aquele que esquece”, abrindo assim uma erudita análise sobre a memória nas tradições oriental e ocidental. Considera também a palavra espanhola “Olé!”, importada do árabe, como invocação a Deus (“*wa-llah*”): exclamação ao presenciar algo muito belo! Fato que até muitos falantes nativos espanhóis desconhecem, como se manifestou quando da publicação desse artigo na Espanha...

Segue-se o estudo sobre “O estilo vaticano”, com suas especificidades e sutilezas, capazes de contornar contradições do Catecismo Católico ou “diplomaticamente” aplicar leves punições a graves escândalos.

Reveladoras são as análises da onipresente gíria “curtir” e a evolução dessa metáfora: do negativo ao positivo, um fenômeno não raro na dinâmica da linguagem.

Na intersecção do falar com a sociologia, Lauand discute a devoção brasileira (sobretudo paulista) a Santo Expedito, avassaladora em sua época.

Em “Escrever um artigo científico” encontramos a genial decifração da obscura letra do Hino do Flamengo...

A palavra árabe para coração – *Al-qalb* (literalmente: o girador) – dá ocasião a uma sucessão de coincidências com a poética ocidental e a uma fina análise antropológica.

Quanto aos artigos na revista “Língua Portuguesa” (que – além da venda em bancas – o Ministério da Educação entregava para as escolas públicas do Brasil), quero insistir no fato de que – para além do circunstancial e episódico de matérias de revista mensal – sempre trazem profundas e originais considerações sobre a linguagem.

Em “Palavras Maiores”, entendemos o porquê da expressão “outros quinhentos”, muito antiga – remonta ao século XIII e a Felipe II – e era aplicada a multas para determinadas ofensas.

“Você está servido?” mostra o (desconhecido) verdadeiro significado original da expressão, que desfaz a perplexidade dos que a utilizam hoje, sem ter a menor ideia do que estão falando.

“A linguagem do agir” é uma incursão metafísica que esclarece o sentido do bordão do Prof. Girafales: “Por que causa, razão, motivo ou circunstância...?”.

“Ditos seculares” nos brinda uma nutrida amostra de expressões e provérbios portugueses apresentados em obra de 1651 e que ainda hoje são usados.

“A arqueologia é dona da bola” traz uma importante contribuição de Lauand: destruir a lenda – até então unanimemente aceita – de que a palavra “torcedor” (corintiano, vascaíno etc.) – teria se originado em um suposto artigo de Coelho Netto sobre o “torcer” das luvas das elegantes e nervosas “torcedoras” do Fluminense, no começo do século XX. JL prova que o uso do termo – nesse sentido de ansiar por algo – era muito mais antigo e anterior ao próprio futebol.

“‘Excelenciou’ na grande área” liga o recente uso da palavra “sobrar” (excelenciar) às tradições ocidental e oriental da virtude.

“A danada da partícula ‘de’” é um profundo e esclarecedor estudo linguístico.

Tive a honra de ser coautor de “A língua na sala de estar”, que desfaz as usuais simplificações sobre o uso desse importante verbo.

“A metafísica da ‘liquidação’” é um fino estudo sobre a atualidade – em diversas línguas – da metafísica dos transcendentais do ente de Santo Tomás de Aquino.

“O laboratório de cada povo” traz – entre outras revelações – a aguda explicação (teológica!) do fato gramatical de que o verbo francês *espérer* é uma “exceção”, que não rege subjuntivo, mas indicativo... Explicação que muitos franceses desconhecem...

Concluo pedindo ao leitor que releve o fato de encontrar algumas repetições de ideias (e de alguns parágrafos) em distintas matérias desta obra. Com 57 artigos – e mais de 650 páginas – era inevitável que isso ocorresse. Por outro lado, porém, essas retomadas contextualizam e permitem uma melhor compreensão de cada artigo.

Finalmente, chamo a atenção para uma preciosidade, que se encontra no artigo “A linguagem mística do cotidiano”: Lauand compartilha “Acácias” (p. 593), uma poesia inédita de Adélia Prado, com a qual a poeta presenteou JL em 1993! E destaco também uma curiosidade: as páginas 665-670 (do artigo “O laboratório de tio Patinhas”) são fac-símiles das originais da própria revista “Língua Portuguesa”.

Recebido para publicação em 13-09-24; aceito em 20-09-24